



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2020: SIC - XXXII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2020
<b>Local</b>	Virtual
<b>Título</b>	A Ação em Sartre: os elementos fenomenológicos constituintes
<b>Autor</b>	RAFAELA ANTUNES NUNES
<b>Orientador</b>	INARA ZANUZZI

**Título:**

A Ação em Sartre: os elementos fenomenológicos constituintes

**Autora:** Rafaela Antunes Nunes

**Orientadora:** Inara Zanuzzi

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

**Resumo:** esta pesquisa centra-se nas implicações éticas da teoria fenomenológica de Sartre em *O Ser e o Nada*, de 1943. O problema a ser enfrentado é se a liberdade de ação para Sartre se encontra na liberdade de escolha ou se se reduz à característica fundamental da forma de existir da consciência, ou *ser-para-si*, nos termos do autor. Essa forma de existir do *para-si* é ser aquilo que se distingue do *em-si*, com o qual se ocupa, sendo esse um fenômeno dado à consciência ou um objeto presente no mesmo. Nessa medida, o *para-si* apreende-se a si mesmo sempre através de algo do qual ele se distingue e como uma falta. É nessa falta e nessa negação que está a liberdade fundamental do *para-si*. Assim, se para Sartre a liberdade de ação for apenas mais uma faceta do *para-si*, então é uma *projeção* da sua condição mais fundamental, a saber, a liberdade de se distinguir do *em-si* e de ser uma falta no mundo. Uma tentativa de verificação de tais interpretações deve ser feita na sua relação com a teoria da ação de Sartre. O autor defende que a ação é intencional e se constitui de *motivos* e *móbeis*. Os motivos, as condições objetivas de uma ação, são as razões escolhidas para tal ação, que por sua vez, levará a um fim que é determinado por *móbeis*, isto é, a condição subjetiva da ação. Determinar algo como motivos, portanto, envolve reconhecer a causalidade presente no mundo, acessível a qualquer agente ou àquele que observa a agência. Pelo contrário, nem sempre é possível um observador *acessar* ou *avaliar* um *móbil* do agente, uma vez que este é o traço subjetivo da ação. Cabe, então, perguntar se motivos ou *móbeis* requerem liberdade de escolha.